

## RESILIÊNCIA PSICOLÓGICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: ESTUDO EM CURSOS DE GRADUAÇÃO

Flora Lima Chaves<sup>1</sup>  
 João Welliandre Carneiro Alexandre<sup>2</sup>  
 Wagner Bandeira Andriola<sup>3</sup>  
 Sueli Maria de Araújo Cavalcante<sup>4</sup>  
 Silvia Maria de Freitas<sup>5</sup>

### RESUMO

O trabalho abordou a saúde mental de estudantes de cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC), a partir do conceito de resiliência psicológica. A amostra estudada foi composta por 446 discentes de cursos de graduação, sendo 261 homens (58,52%) e 183 mulheres (41,03%), com a maioria tendo idades entre 18 e 22 anos (72% do total da amostra), sendo o valor mínimo 17 anos e o máximo 60 anos. Após a aplicação da Escala de Resiliência para Adultos (RSA), concluiu-se que as médias dos fatores de resiliência indicaram equilíbrio entre os fatores de risco e de proteção. Houve diferenças significativas estatisticamente nos resultados das médias de fatores nas variáveis Sexo, Gênero, Orientação sexual e Idade. Apontam-se, então, estratégias para o fortalecimento da resiliência psicológica dos estudantes.

**Palavras-chave:** Resiliência; Universitários; Saúde mental.

### PSYCHOLOGICAL RESILIENCE OF UNIVERSITY STUDENTS: STUDY IN GRADUATE COURSES

#### ABSTRACT

This article discusses the mental health of university students based on the concept of psychological resilience and the presentation of field of quantitative approach on the factors of psychological resilience of students of the Federal University of Ceará (UFC). Therefore, the objective of this article was to investigate the psychological resilience factors of UFC students. Data collection took place in November / 2018 with 446 UFC students. It was concluded that the means of resilience factors indicated a balance between risk and protection factors. There were statistically significant differences in the results of the means factors in the variables Sex, Gender, Sexual Orientation and Age. Then, strategies for strengthening students' psychological resilience students are pointed out.

**Keywords:** Resilience. College students. Mental health.

## 1 INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Psicóloga, Mestra em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: florachaves@ufc.br.

<sup>2</sup> Professor Titular da UFC, Pesquisador do CNPq (Nível 1C), Coordenador do Mestrado POLEDUC. E-mail: w\_andriola@yahoo.com.

<sup>3</sup> Professor Titular da UFC. E-mail: jwca@ufc.br.

<sup>4</sup> Professora Titular da UFC. E-mail: suelicavalcante@ufc.br.

<sup>5</sup> Professora Associada da UFC. E-mail: silvia@dema.ufc.br.

O adoecimento psíquico, seu enfrentamento e prevenção se constituem como preocupações cada vez mais pertinentes na atualidade. A inquietante ocorrência de suicídios no público jovem está atestada no Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde divulgado em 2017, que reuniu informações do período de 2011 a 2016 e demonstrou que esse fenômeno figura como a quarta principal causa de morte entre os jovens de 15 a 29 anos no Brasil (BRASIL, 2017).

No ambiente universitário, as questões ligadas ao sofrimento psicológico têm sido mais expostas pelos estudantes e visibilizadas pelas mídias digitais e redes sociais. Na prática profissional da primeira autora deste artigo, psicóloga da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) da Universidade Federal do Ceará (UFC), assume a tônica de muitos enredos pessoais de alunos universitários a pressão pelo alto desempenho acadêmico, a sobrecarga quantitativa e qualitativa de atividades estudantis, a privação de sono, a tensão gerada pela expectativa de inserção em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, as incertezas quanto ao futuro e as dificuldades financeiras (ANDRIOLA; TROCCOLI; DIAS, 1990).

Estudos recentes sobre a saúde discente no Brasil também alertam para os baixos níveis de Qualidade de Vida e de Bem-estar subjetivo desses sujeitos e para a relevância de programas de atenção à saúde dos estudantes, com ações de prevenção e promoção da saúde (TOMBOLATO, 2005; ZONTA; ROBLES; GROSSEMAN, 2006; SILVA, 2010; SILVA; HELENO, 2012; MACÊDO, 2018).

Diante desse cenário, os estudantes universitários também sofrem com angústias referentes ao mundo do trabalho, à empregabilidade e ao alcance das condições de vida almejadas, ao vislumbrarem esse horizonte pouco acolhedor no final da trajetória acadêmica. O ingresso no Ensino Superior, ao mesmo tempo em que é marcado pelos sentimentos de satisfação, vitória e expectativa de novos conhecimentos e vivências, pode também dar lugar a inquietações, sensações de inadequação e dificuldades de adaptação às novas exigências (ANDRIOLA; ANDRIOLA; MOURA, 2006).

Conectado com essa dimensão, o presente trabalho aborda a temática da saúde mental de estudantes universitários partindo do arcabouço teórico da resiliência psicológica e de estudos relacionadas com o tema. Para tanto, apresenta pesquisa de campo, com abordagem quantitativa, sobre os fatores de resiliência psicológica de estudantes da Universidade Federal do Ceará.

Partiu-se do seguinte problema de pesquisa: *como estão os recursos de enfrentamento psicológico do sofrimento psíquico e de superação de situações adversas de estudantes da UFC?* Com o intuito de responder-se à pergunta, o objetivo geral delineado foi investigar os fatores de resiliência psicológica de estudantes da UFC. Para avaliá-los, recorreu-se às discussões sobre os métodos de avaliação da resiliência psicológica, com interesse enfático nos quantitativos. O instrumento escolhido para mediar a coleta de dados da pesquisa foi a Escala de Resiliência para Adultos (*Resilience Scale for Adults – RSA*), a qual foi apontada como uma das três melhores opções disponíveis na literatura em termos de propriedades psicométricas, junto com a *Connor-Davidson Resilience Scale – CD RISC* – e a *Brief Resilience Scale* (WINDLE; BENNETT; NOYES, 2011).

Os objetivos específicos da pesquisa foram identificar como os fatores de resiliência de estudantes da UFC se apresentam na RSA; comparar os fatores de resiliência com relação às variáveis Sexo, Gênero, Orientação Sexual e Idade. O artigo apresenta, na sequência, discussões conceituais sobre o conceito de resiliência psicológica, articulando-o com o contexto estudantil, e apresenta a pesquisa realizada.

## **2 RESILIÊNCIA PSICOLÓGICA: PRESSUPOSTOS E DISCUSSÕES**

A Psicologia Positiva compreende a resiliência como uma classe de fenômenos caracterizada por bons resultados diante de sérias ameaças à adaptação e ao desenvolvimento (MASTEN, 2001). Ela se refere tanto a habilidades psicológicas e disposicionais individuais, quanto ao uso contextualizado dessas capacidades, o qual acontece de forma dinâmica e conectada com as experiências de vida e condições atuais de existência dos sujeitos.

Os estudos sobre resiliência começaram a emergir de forma massiva em pesquisas inglesas e norte-americanas no fim da década de 1970 e início da década de 1980, tendo como precursores as concepções de invulnerabilidade e invencibilidade (YUNES, 2006). Nessa mesma época, proliferaram também os estudos sobre estresse e *coping*. No Brasil, o termo “resiliência” passou a ser utilizado nos estudos de psicologia no fim da década de 1990.

De acordo com Yunes (2006), o termo resiliência advém da física e da engenharia, sendo conceituada como a deformação máxima que um material consegue estocar sem sofrer modificações permanentes após a solicitação. Discutindo sobre a raiz do termo, Brandão, Mahfoud e Gianordoli-Nascimento (2011) questionam essa procedência, considerando que tal

referência é silenciada nas pesquisas pioneiras anglo-saxãs, existindo apenas na literatura brasileira. Os autores demonstram que o termo “resiliência”, que apareceu como novidade na língua portuguesa, já era de uso comum pelos falantes de língua inglesa e associado a fenômenos humanos.

A hipótese levantada é de que, tendo em vista a pouca familiaridade com o termo no vocabulário brasileiro, buscou-se construir algum sentido para o seu uso, supondo que a ideia de resiliência para a psicologia teria vindo da ciência exata. Além disso, os autores se debruçam sobre o uso do conceito na física, questionando sua transposição direta para a compreensão psicológica e apostando numa proximidade maior com a conceituação de “elasticidade”, tendo em vista que, em termos psicológicos, a pessoa não permanece imutável após resistir a uma experiência traumática, e sim resiste à pressão sem sucumbir, transformando-se nesse processo.

Compreende-se que, diante de situações de risco, pode haver a manifestação de respostas de resiliência e de vulnerabilidade (ANDRIOLA, 2003). A interação singular e contextual entre os fatores de risco e de proteção construirá, então, diferentes modos de se relacionar com situações propiciadoras de desestabilização do equilíbrio mental. A resiliência é, portanto, condicionada por fatores ambientais e individuais, e relaciona-se com a forma como o sujeito vive e elabora os fatores de risco e de proteção implicados na situação estressora (ANDRIOLA; PASQUALI, 1995). A existência do risco, por sua vez, é condição essencial para a possibilidade de deflagração de respostas bem sucedidas (resilientes).

Os fatores de risco são influências potenciais para dificultar o desenvolvimento da pessoa (BRANDÃO; MAHFOUD; GIANORDOLI-NASCIMENTO, 2011). Dito de outro modo: são os eventos negativos que aumentam a probabilidade do indivíduo de apresentar problemas psicológicos, físicos e sociais (POLETTTO; KOLLER, 2008).

Os fatores de proteção são características individuais e/ou ambientais que melhoram as respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação, reforçando os indivíduos “para que não estejam sob os efeitos negativos do ambiente” (POLETTTO; KOLLER, 2006, p. 35), e não necessariamente são experiências agradáveis. Incluem atributos disposicionais, como o nível de atividade e sociabilidade, a autoestima e a autonomia; os laços afetivos no sistema familiar ou em outros contextos que possam oferecer suporte em momentos de estresse; e os sistemas de suporte social, como a escola, o trabalho, a igreja e os serviços de saúde, que propiciem competência, determinação individual e sistema de crenças para a vida (MORAIS; KOLLER, 2004).

Esses fatores têm como papel maior o de modificar a resposta em situações adversas, mais do que favorecer o desenvolvimento, e, portanto, podem não apresentar efeito na ausência de um estressor. Relacionam-se, por exemplo, com o modo como a pessoa lida com as mudanças e transições da vida, com seu sentimento de bem-estar, autoeficácia e esperança, com o sentido que ela dá às suas experiências e com o modo como ela atua diante de situações adversas (POLETTI; KOLLER, 2006). Hjemdal *et al.* (2006) reafirmam também que a ativação dos recursos de proteção acontece diante da adversidade. A rede de apoio social, compreendida como sistemas e pessoas significativas que compõem os elos de relacionamento do indivíduo, pode figurar como importante mecanismo de proteção, a depender da qualidade das interações estabelecidas (JULIANO; YUNES, 2014).

### 3 RESILIÊNCIA PSICOLÓGICA E O CONTEXTO ESTUDANTIL

O alerta encontrado em produções sobre a saúde discente no Brasil convive com a constatação de que as pesquisas teóricas e empíricas sobre estratégias voltadas para o fortalecimento da saúde mental de estudantes universitários ainda não figura com destaque na produção nacional. Em agosto de 2018, ao combinar os descritores *Resiliência psicológica + estudante*, *Resiliência psicológica + estudante universitário* e *Resiliência psicológica + ensino superior* na base SciELO (CHAVES, 2019), não houve ocorrência de artigos. O mesmo resultado acontece quando, em vez de “resiliência psicológica”, é buscado o termo “resiliência (psicologia)” nessas combinações. Ao eleger como descritor apenas o termo *Resiliência*, foram encontrados 185 artigos, dos quais dez abordam temas ligados à resiliência no contexto estudantil, trazendo discussões conceituais e enfoques nos públicos infantil e adolescente, assim como a partir da perspectiva docente.

Peltz, Moraes e Carlotto (2010) analisaram, junto a 140 estudantes do Ensino Médio de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, a relação entre variáveis demográficas e sociais e as pontuações em Escala de Resiliência. Constataram associação negativa entre renda familiar e a dimensão *Independência e Determinação* da resiliência, relativa à capacidade de resolver sozinho situações difíceis, de aceitar adversidades e de lidar com várias situações ao mesmo tempo. Identificaram também associação positiva entre a percepção de que a escola ajuda no desenvolvimento pessoal e a dimensão da resiliência “Resolução de ações e valores”,

relacionada com energia, persistência, disciplina, amizade, satisfação pessoal e significado da vida.

Fajardo, Minayo e Moreira (2013) trazem reflexões importantes sobre a resiliência como prática docente. Consideram o potencial de atuação dos professores como facilitadores da construção de posturas e comportamentos resilientes na relação com os discentes, e chamam atenção também para a interação existente entre as instituições, incluindo escola e família. Reafirmam que a resiliência associada à educação “resgata o aspecto da saúde, caracterizando o enfoque centrado na proteção e não no risco” (FAJARDO; MINAYO; MOREIRA, 2013, p. 222).

Busnello, Schaefer e Kristensen (2009) apresentam os distintos, embora correlacionados, conceitos de estresse, resiliência e *coping*. Caracterizam a Síndrome Geral de Adaptação, descrita em 1930 pelo endocrinologista canadense Hans Selye, que delinea o ciclo psicofisiológico do estresse. Situam também as discussões sobre *coping*, incluindo as diferenças entre estratégias e estilos, e colocam-no como uma das variáveis que contribuem para uma maior resiliência. Debruçam-se sobre as diferenças de *coping* entre crianças e adolescentes, entre meninos e meninas, de acordo com a idade e as repercussões possíveis na aprendizagem.

Considerando o exposto, fica evidente a relevância social e científica de eleger como tema de investigação os recursos de enfrentamento psicológico dos estudantes universitários diante das pressões vividas nessa fase da vida, tanto aquelas relacionadas diretamente com o cotidiano acadêmico, quanto àquelas ligadas às outras dimensões existenciais (ANDRIOLA, 1995).

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo caracterizou-se como quantitativo quanto à abordagem (PRODANOV; FREITAS, 2013), como pesquisa descritiva e exploratória quanto aos objetivos, e como pesquisa de campo quanto aos procedimentos técnicos (GIL, 2008). A pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Ceará, nas unidades acadêmicas Centro de Ciências (CC) e Instituto de Cultura e Arte (ICA). No CC, há os seguintes cursos de graduação: Biotecnologia, Ciências Biológicas, Computação, Estatística, Física, Geografia, Geologia, Matemática, Matemática Industrial e Química. O ICA é composto pelos seguintes cursos: Cinema e Audiovisual, Dança,

Design de Moda, Filosofia, Gastronomia, Jornalismo, Música, Publicidade e Propaganda, e Teatro (UFC, 2017).

Em princípio, a população definida foram os estudantes de cursos de graduação presenciais da UFC de Fortaleza. O recorte para essas unidades acadêmicas ocorreu pela facilidade de acesso e, se fundamentou também, na percepção, considerada de forma exploratória e discutida entre os autores, de que há singularidades nos estudantes oriundos desses contextos, como particularidades ligadas a estilos de sociabilidade e de produção do conhecimento, expressão e aceitação da orientação sexual, e relação com o corpo e com a imagem corporal. O tamanho amostral foi calculado a partir dos dados do Anuário Estatístico da UFC 2017, que tem como base os dados de 2016 (UFC, 2017).

O tamanho da amostra foi de 446 estudantes, sendo 254 do CC e 192 do ICA, para um nível de confiança de 95% e um erro de estimativa de 4,4 p.p. (pontos percentuais).

A coleta de dados ocorreu de modo presencial durante o mês de novembro de 2018. Os questionários foram aplicados pela primeira autora em horários de aula, previamente acordados com os professores. Os sujeitos foram informados sobre o objetivo da pesquisa e leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de participação em pesquisa. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário estruturado com questões objetivas, com base na Escala de Resiliência para Adultos (RSA) e nas variáveis escolhidas.

A última versão da RSA foi traduzida para o português brasileiro e teve aspectos de sua validade avaliada em uma amostra de estudantes universitários. Foi encontrada capacidade preditiva dessa escala em relação ao desenvolvimento de sintomas psiquiátricos, identificando que indivíduos com escores mais altos na RSA tinham menor tendência a desenvolver tais sintomas (CARVALHO; TEODORO; BORGES, 2014). Esse achado foi de grande relevância para a escolha desse instrumento.

A RSA analisa, em trinta e três itens em escala do tipo Likert de sete pontos, seis fatores relacionados com a resiliência, quais sejam: Percepção de si Mesmo (seis itens), Futuro Planejado (quatro itens), Competência Social (seis itens), Estilo Estruturado (quatro itens), Coesão Familiar (seis itens) e Recursos Sociais (sete itens). Os seis fatores avaliados se referem às noções ou ideias apresentadas no Quadro 1. A apuração dos escores foi feita conforme recomendação de correção da RSA, sendo que escores muito elevados (entre 6 e 7) ou elevados (entre 5 e 6) são indicativos da atuação de fatores de proteção, que aumentam a chance da

resposta de resiliência. Escores muito baixos (entre 1 e 2) ou baixos (entre 2 e 3) sinalizam ausência ou escassez de fatores de proteção, alertando para possíveis respostas de vulnerabilidade (CARVALHO; TEODORO; BORGES, 2014).

**Quadro 1** – Fatores da Escala de Resiliência para Adultos (RSA).

<b>Fatores</b>	<b>Noções ou Ideias Associadas</b>
Percepção de si Mesmo	Confiança nas próprias capacidades, autoeficácia e visão positiva e realista acerca de si mesmo.
Futuro Planejado	Visão otimista do próprio futuro, certeza de que pode ser bem-sucedido e habilidade de planejamento e estabelecimento de metas claras e alcançáveis.
Competência Social	Habilidade em iniciar contatos verbais e ser flexível em interações sociais, criar novas amizades e sentir-se à vontade em ambientes sociais, bem como à presença ou ausência de um estilo de interação social.
Estilo Estruturado	Capacidade de organização do próprio tempo, estabelecimento de objetivos e prazos e orientação pessoal para a manutenção de regras e rotinas na vida diária.
Coesão Familiar	Qualidade de relação em família, em termos de comunhão de valores e visão de futuro, de união, lealdade e simpatia mútua.
Recursos Sociais	Suporte social oferecido por pessoas que não fazem parte do núcleo familiar (amigos ou colegas de trabalho, por exemplo), e que propicia o sentimento de coesão, simpatia, o encorajamento e a ajuda em situações difíceis.

**Fonte:** CARVALHO; TEODORO; BORGES (2014, p.290).

A inclusão das variáveis de comparação Sexo, Gênero e Orientação Sexual é justificada por critérios teóricos e pelo cotidiano de atendimento de estudantes que buscam suporte psicológico na PRAE, motivados pelo sofrimento decorrente de conflitos e dificuldade de aceitação social de orientações sexuais diferentes da heterossexual e de conflitos ligados à identidade de gênero. Adolescentes homossexuais, bissexuais e transexuais são confrontados com uma série de experiências negativas, tais como rejeição familiar, discriminação em ambientes de trabalho, preconceito, e, ainda, com crimes relacionados à homofobia.

A decisão de incluir como variável de comparação a idade do respondente atendeu à necessidade de levantamento empírico de possíveis diferenças existentes com base nesse fator, com o fito de fornecer elementos para futuras intervenções no âmbito da saúde mental dos discentes.

Esta pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará, com o fito de atender às exigências das Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Resolução CNS 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e obteve parecer favorável (Parecer nº 3.002.319).

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Caracteriza-se o perfil sociodemográfico dos respondentes e apresenta-se a análise global dos fatores de resiliência psicológica de estudantes pesquisados e a análise comparada entre os fatores de resiliência e as variáveis *Sexo, Gênero, Orientação Sexual e Idade*. Foram considerados os resultados das médias e desvios-padrões dos fatores de resiliência e do escore geral na RSA, e os valores do Nível Descritivo do Teste (p-valor) - para maiores detalhes ver Bussab e Morettin(2009).

### 5.1 Perfil sociodemográfico dos respondentes

Com relação ao sexo, do total de 446 entrevistados, 261 respondentes (58,52%) da composição da amostra são de homens; 183 sujeitos (41,03%) são mulheres, e 2 respondentes (0,45%) de intersexuais. No que tange ao gênero, 258 se consideram do gênero masculino e 184 do gênero feminino, havendo 4 (0,90%) sujeitos que marcaram a opção “andrógino”. No que concerne à orientação sexual, 321 entrevistados afirmaram ser heterossexuais, correspondendo a 72,13% dos participantes. As quantidades de respondentes homossexual e bissexual foram de 57 (12,8%) cada; a de pansexuais, de 6 (1,35%); e a de assexuais, de 4 (0,89%) respondentes. Um respondente não marcou essa questão.

Com relação à idade, percebe-se que a maior parte dos respondentes possui entre 18 e 22 anos, totalizando 325 participantes (72% da amostra). A idade mínima encontrada foi de 17 anos, com 5 (cinco) respondentes, e a máxima, de 60 anos de idade, com 1 (um) respondente.

### 5.2 Análise global dos fatores de resiliência psicológica de estudantes da UFC

Através das análises das médias dos fatores de resiliência e das sentenças que os avaliam, observou-se que as médias da amostra ficarem entre 4 e 5, exceto Recursos Sociais (Tabela 1). Isso indica que os fatores de risco e de proteção estão em equilíbrio dentre os alunos do Instituto de Cultura e Arte (ICA) e do Centro de Ciências (CC), havendo ligeira predominância dos fatores de proteção, que favorecem respostas resilientes, resultado que pode

refletir o restante do corpo discente da Universidade, mesmo sem considerar a generalização estatística, uma vez que a pesquisa foi feita em somente duas unidades acadêmicas..

Tabela 1 – Médias e desvios-padrões dos Fatores de resiliência psicológica de estudantes da UFC.

Fator	Média	Desvio-padrão
1. Percepção de si mesmo	4,27	1,25
2. Futuro Planejado	4,66	1,43
3. Competência Social	4,73	1,23
4. Estilo Estruturado	4,55	1,99
5. Coesão Familiar	4,60	1,36
6. Recursos Sociais	5,46	0,95

Fonte: Pesquisa direta.

Dos seis fatores de resiliência investigados pela RSA, Recursos Sociais apresentou a maior média (5,46), e a menor variação nas respostas (desvio-padrão = 0,95), indicando que há percepção da existência de rede de suporte social pelos estudantes, a qual figura como um fator de proteção. O fator com menor pontuação foi Percepção de Si mesmo (média = 4,27), recomendando necessidade de incremento da confiança nas próprias capacidades, da autoeficácia e da visão realista e positiva acerca de si mesmos.

O segundo e o terceiro fatores com maior pontuação, Competência Social e Futuro Planejado, com médias 4,73 e 4,66, respectivamente, também trazem informações importantes sobre a resiliência psicológica dos estudantes participantes.

Entende-se, mesmo que a média dos fatores tenha sido na casa dos 4, ainda se pode considerar a predominância de fatores de proteção em relação aos de risco na referida amostra. Contudo, o fortalecimento dessas dimensões certamente se desdobraria em ganhos para a saúde mental dos discentes.

### 5.3 Análise comparada dos fatores de resiliência com as variáveis Sexo, Gênero, Orientação Sexual, Idade e Renda Média *per capita* Mensal

Para comparar os fatores foram aplicados testes de hipóteses, especificamente o Teste de Mann-Whitney, adequado para a comparação de fatores com dados não emparelhados, obtidos de duas populações independentes (no caso das variáveis Sexo, Gênero e Idade) e o Teste de Kruskal-Wallis, adequado para comparar três ou mais populações independentes (no caso da variável Orientação Sexual). Os testes realizados se caracterizam como Testes Não-Paramétricos, adequados a situações em que se supõe haver violação na normalidade dos dados. Para maiores detalhes ver Conover (1971).

Para as análises, estabeleceram-se os seguintes critérios: se  $p$ -valor  $\leq 1\%$ , a diferença é altamente significativa; e se  $p$ -valor  $\leq 5\%$ , a diferença é significativa. Na análise da variável Sexo, houve uma diferença altamente significativa, estatisticamente, nos resultados das médias do fator Percepção de Si entre homens e mulheres (Tabela 2).

**Tabela 2** – Comparação dos fatores de resiliência por sexo.

Fatores	Homem		Mulher		p-valor
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	
1. Percepção de si mesmo	4,43	1,22	4,04	1,24	0,001
2. Futuro Planejado	4,73	1,45	4,54	1,41	0,167
3. Competência Social	4,74	1,20	4,71	1,29	0,887
4. Estilo Estruturado	4,56	1,22	4,54	1,16	0,972
5. Coesão Familiar	4,54	1,31	4,70	1,43	0,201
6. Recursos Sociais	5,42	0,94	5,53	0,95	0,222

Fonte: Pesquisa direta

Igual interpretação ocorre na variável gênero, conforme a Tabela 3.

**Tabela 3** – Comparação dos fatores de resiliência por gênero

Fatores	Masculino		Feminino		p-valor
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	
1. Percepção de si mesmo	4,42	1,22	4,05	1,26	0,002
2. Futuro Planejado	4,75	1,44	4,55	1,42	0,159
3. Competência Social	4,73	1,19	4,71	1,30	0,887
4. Estilo Estruturado	4,55	1,21	4,56	1,17	0,840
5. Coesão Familiar	4,56	1,30	4,67	1,44	0,308
6. Recursos Sociais	5,41	0,94	5,53	0,95	0,171

Fonte: Pesquisa direta

Para esse fator, Percepção de Si mesmo, as mulheres e respondentes do gênero feminino apresentaram pontuação inferior em relação aos respondentes homens e do gênero masculino. Todavia, no que tange às médias gerais na RSA, constatou-se não haver diferença significativa entre os resultados para as variáveis Sexo e Gênero.

As discussões trazidas por Adichie (2015) contribuem para refletir sobre a diferença encontrada na variável gênero. A autora pontua que as expectativas de gênero, construídas socialmente, trazem cobranças sobre o desempenho social das meninas que incluem moderação na expressão de emoções, como raiva e agressividade, perdoáveis ou mesmo elogiáveis entre os meninos. A educação estimula fortemente comportamentos de agradabilidade social nas meninas, especialmente referenciadas na ótica masculina.

Essas influências culturais podem ser ressignificadas com a ajuda de intervenções que apontem para o fortalecimento de vínculos e do apoio mútuo entre homens e mulheres, para a revisão de valores e práticas que desvalorizam mulheres ou as colocam em posição de rivalidade entre si e de menos-valia na sociedade. Lançar luz sobre esse tema pode contribuir com o fortalecimento desse fator de resiliência.

No tocante à variável Orientação Sexual, a pontuação final na RSA (Tabela 4) apresentou diferença altamente significativa, estatisticamente, sendo os escores dos heterossexuais e homossexuais próximos entre si e maiores que os dos bissexuais (Médias RSA = 4,79; 4,72; e 4,32; respectivamente). Com relação aos fatores de resiliência, apenas o fator Recursos Sociais não apresentou diferença significativa estatisticamente ( $p$ -valor = 0,251). Os fatores Coesão Familiar e Futuro Planejado apresentaram diferença altamente significativa a 1% e os outros três fatores (Percepção de Si mesmo, Competência Social e Estilo Estruturado) apresentaram diferença significativa a 5%. Os respondentes bissexuais apresentaram os menores valores, sugerindo ser um grupo com maior chance de respostas de vulnerabilidade.

**Tabela 4** – Comparação dos fatores de resiliência por orientação sexual.

Fatores/ RSA	ORIENTAÇÃO SEXUAL						p-valor
	Heterossexual		Homossexual		Bissexual		
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	
<b>1. Percepção de si mesmo</b>	4,34	1,25	4,28	1,15	3,87	1,30	0,044
<b>2. Futuro Planejado</b>	4,78	1,42	4,66	1,50	4,01	1,35	0,001
<b>3. Competência Social</b>	4,70	1,22	5,10	1,10	4,49	1,37	0,024
<b>4. Estilo Estruturado</b>	4,60	1,17	4,68	1,32	4,15	1,11	0,024
<b>5. Coesão Familiar</b>	4,80	1,31	4,19	1,38	4,08	1,27	0,000
<b>6. Recursos Sociais</b>	5,51	0,93	5,41	0,98	5,30	1,00	0,251
<b>7. RSA</b>	4,79	0,84	4,72	0,83	4,32	0,80	0,000

Fonte: Pesquisa direta

Não houve hegemonia de nenhum grupo com relação às maiores médias, embora os heterossexuais tenham alcançado as maiores médias em três fatores (Percepção de Si mesmo, Futuro Planejado e Coesão Familiar), enquanto que os homossexuais, em dois (Competência Social e Estilo Estruturado). No fator Percepção de Si mesmo, a média do grupo de bissexuais teve escore baixo (média = 3,87), denotando provável escassez de fatores de proteção relacionados a esse aspecto nesse grupo.

Apesar disso, partindo da compreensão do modelo bioecológico do desenvolvimento humano, que entende os processos de resiliência imbrincados com as

influências contextuais, na interação entre elementos do tempo, da pessoa e do processo (POLETTI; KOLLER, 2008), esses achados ainda apontam para uma situação de vantagem social para a orientação heterossexual, ainda fortemente estimulada pela cultura heteronormativa.

Com relação ao fator Futuro Planejado, os resultados sugerem que a visão de futuro do grupo heterossexual é mais positiva e clara, talvez por ser uma parcela da população com prescrições sociais mais delimitadas, além de desfrutar das vantagens da heteronormatividade. Tendo em vista que o grupo de homossexuais e bissexuais foge ao que é ensinado e estimulado culturalmente como normal, seus caminhos podem ser menos definidos nas diversas esferas vitais, como afetivas, sexuais, conjugais, de exercício da parentalidade, e mesmo legais e ocupacionais. De todo modo, os determinantes dessa situação certamente envolvem uma complexidade de fatores individuais e sociais, que precisariam ser mais investigados para facilitar conclusões calcadas na realidade.

Conforme já mencionado, o fator Coesão Familiar que apresentou diferença mais significativa do ponto de vista estatístico, entre os heterossexuais a média bastante superior (média = 4,80) às dos homossexuais (média = 4,19) e bissexuais (média = 4,08). Essa informação poderia ser melhor compreendida com dados qualitativos que investigassem o impacto da orientação sexual do respondente na dinâmica familiar, tanto no que se refere ao estresse decorrente do esforço de ocultação da orientação sexual, quanto na vivência de possível rejeição familiar e de crise no sistema familiar decorrente da revelação da orientação sexual, aspectos já apontados em estudos anteriores (LIRA; MORAIS, 2018).

A variável Idade foi a que apresentou diferenças mais significativas do ponto de vista estatístico dentre as aqui estudadas. As médias dos fatores de resiliência dos jovens (até 29 anos, sendo 418 respondentes no total) se mantiveram na casa dos “4” em todos os fatores, exceto no fator Recursos sociais, enquanto que as dos adultos (de 30 a 59 anos, totalizando 26 sujeitos) foram todas acima de 5 e, portanto, consideradas altas e sinalizando para o predomínio da atuação dos fatores de proteção e indicando maior probabilidade da expressão de respostas resilientes diante de adversidades. Os resultados apontam para uma diferença estatística altamente significativa a 1% no resultado geral da RSA e nos fatores Percepção de Si mesmo, Futuro Planejado e Coesão Familiar, e diferença estatística significativa a 5% no fator Estilo Estruturado (Tabela 5).

**Tabela 5 – Comparação dos fatores de resiliência por Idade.**

Fatores	Até 29 anos		De 30 a 59 anos		p-valor
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	
1. Percepção de si mesmo	4,22	1,25	5,13	0,85	0,000
2. Futuro Planejado	4,60	1,44	5,71	0,84	0,000
3. Competência Social	4,71	1,22	5,00	1,41	0,207
4. Estilo Estruturado	4,52	1,20	5,03	1,04	0,047
5. Coesão Familiar	4,56	1,35	5,26	1,38	0,010
6. Recursos Sociais	5,45	0,84	5,73	0,73	0,202
7. RSA	4,68	0,84	5,31	0,74	0,000

Fonte: Pesquisa direta.

Nessa comparação, chama atenção o quanto os jovens estão em um momento de maior vulnerabilidade com relação aos adultos, especialmente ao considerar que a maioria da amostra (93,9%) é constituída por jovens. A diferença significativa no modo como percebem a si mesmos e nas expectativas em relação ao futuro trazem à tona que ser jovem, ainda que compondo a parcela da população que tem acesso à educação pública superior, não tem garantido uma autoimagem positiva ou otimismo em relação à vida futura.

Esses achados remetem à potencialidade da convivência intergeracional e alertam para a situação de maior vulnerabilidade dos jovens em comparação com os adultos na presente pesquisa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que as médias dos fatores de resiliência convergiram, na maioria, para valores entre 4 (quatro) e 5 (cinco), indicando equilíbrio entre os fatores de risco e de proteção dentre os alunos do Instituto de Cultura e Arte (ICA) e do Centro de Ciências (CC).

Os resultados mostram, sob o ponto de vista estatístico, diferenças nas médias dos seguintes fatores: Percepção de Si mesmo, nas variáveis Sexo, Gênero, Orientação Sexual e Idade, com superioridade dos homens, do gênero masculino, dos heterossexuais e dos adultos (30 a 59 anos), respectivamente; Futuro Planejado, nas variáveis Orientação Sexual e Idade, com superioridade das pontuações dos heterossexuais e adultos; Competência Social e Estilo Estruturado na variável Orientação Sexual, com superioridade das médias dos homossexuais; e Coesão Familiar, na variável Orientação Sexual, sendo as pontuações maiores as dos heterossexuais.

Houve diferença significativa estatisticamente nas médias finais da RSA nas variáveis Orientação Sexual e Idade, com superioridade das pontuações dos heterossexuais e adultos, respectivamente.

O cálculo das médias gerais individuais da resiliência psicológica dos respondentes apontou que 19,5% dos respondentes estão com resiliência psicológica baixa ou muito baixa, apresentando, portanto, maior risco de desenvolvimento de sintomas psiquiátricos. Esse dado sinaliza para a urgência de que sejam pensadas estratégias coletivas de promoção da saúde e preventivas de adoecimento psicológico.

A pesquisa apresentou algumas limitações, como não contemplar instrumentos que aferissem os fatores de risco e de proteção em interação, e a generalização das conclusões situada temporalmente e limitada a apenas duas Unidades Acadêmicas. Uma pesquisa de corte longitudinal, com abrangência de outras Unidades Acadêmicas, além do uso de métodos multivariados, incluindo a consideração dos fatores de risco e de proteção, poderia fornecer conhecimentos com maior possibilidade de generalização.

## 7 REFERÊNCIAS

ADICHIE, C.N. **Sejamos todos feministas**. Chimamanda Ngozi Adichie / Tradução Christina Baum. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDRIOLA, W. B. Problemas e perspectivas quanto ao uso dos testes psicológicos do Brasil. **Psique**, Belo Horizonte, v. 6, p. 46-57, 1995.

ANDRIOLA, W. B. Evasão discente no âmbito da Universidade Federal do Ceará (UFC): proposta para identificar suas causas e implantar um Serviço de Orientação e Informação (SOI) para os egressos do ensino médio. In: **ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE**, 2003, São Cristóvão. *Anais...* São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2003. p. 483.

ANDRIOLA, W. B.; ANDRIOLA, C. G.; MOURA, C. P. O fenômeno da evasão discente dos cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC): proposição de modelo causal. In: **REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AVALIAÇÃO EDUCACIONAL**, Belo Horizonte, 2006. *Anais...* Belo Horizonte: Abave, 2006.

ANDRIOLA, W. B.; PASQUALI, L. A construção de um Teste de Raciocínio Verbal (RV). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 51-72, 1995.

ANDRIOLA, W. B.; TROCCOLI, B. T.; DIAS, M. R. Caracterização do apoio social em estudantes universitários brasileiros. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 7/8, p. 61-78, 1990.

BRANDÃO, J.M. ; MAHFOUD, M. ; GIANORDOLI-NASCIMENTO, I.F. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ago 2011, vol.21, no.49, p.263-271. ISSN 0103-863X. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2011000200014&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2011000200014&script=sci_abstract)>. Acesso em: 20/08/2018.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico**. Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde. Volume 48. Nº 30 - 2017. ISSN 2358-9450.

BUSNELLO, F.B. ; SCHAEFER, L.S. ; KRISTENSEN, C.H. Eventos estressores e estratégias de *coping* em adolescentes: implicações na aprendizagem. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Dez 2009, vol.13, no.2, p.315-323. ISSN 1413-8557. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n2/v13n2a14>>. Acesso em: 20/08/2018.

BUSSAB, W.O.; MORETTIN, P.A. **Estatística Básica**. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

CARVALHO, V. D.; TEODORO, M. L. M. ; BORGES, L. O. Escala de Resiliência para Adultos: aplicação entre servidores públicos. **Aval. psicol.**, Itatiba , v. 13, n. 2, p. 287-295, ago. 2014 .

CHAVES, F. L. **Resiliência psicológica de estudantes da Universidade Federal do Ceará**. 2019. 157f. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

CONOVER, W. J. **Practical nonparametric statistics**. New York: John Wiley & Sons, 1971.

FAJARDO, I. N.; MINAYO, M. C. S.; MOREIRA, C. O. F. Resiliência e prática escolar: uma revisão crítica. **Educ. Soc.**, v.34, n.122, p.213-224, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HJEMDAL, O.; FRIBORG, O.; STILES, T. C.; ROSENVINGE, J. H. ; MARTINUSSEN, M. (2006). **Resilience Predicting Psychiatric Symptoms: A Prospective Study of Protective Factors and their Role in Adjustment to Stressful Life Events**. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 13(3), 194-201. Disponível em <<http://psycnet.apa.org/record/2006-08300-006>>. Acesso em 23/05/2018.

JULIANO, M.C.C.; YUNES, M.A.M. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. **Ambient. soc.**, Set 2014, vol.17, no.3, p.135-154. ISSN 1414-753X. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2014000300009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2014000300009&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20/08/2018.

LIRA, A.N.; MORAIS, N.A. Estratégias metodológicas de investigação da resiliência em lésbicas, gays e bissexuais (LGBs): revisão integrativa de literatura. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 26, n. 3, p. 1427-1445, set. 2018. ISSN 1413-389X. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2018000300011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2018000300011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 11 out. 2018. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2018.3-11Pt>.

MACÊDO, S. Sofrimento psíquico e cuidado com universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. **ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.265-277, 2018. ISSN 2237-941X. Disponível em <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844/1566>>. Acesso em 04/02/2020.

MASTEN, A. **Ordinary Magic: Resilience Process in Development**. American Psychologist, Vol 56(3), Mar 2001, 227-238. University of Minnesota, 2001. Disponível em <<http://psycnet.apa.org/fulltext/2001-00465-004.html>>. Acesso em 07/02/2018.

MORAIS, N.A.; KOLLER, S. Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: ênfase na saúde. In: KOLLER, S. (Org.) **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PELTZ, L.; MORAES, M. G.; CARLOTTO, M.S. Resiliência em estudantes do ensino médio. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Jun 2010, vol.14, no.1, p.87-94. ISSN 1413-8557.

POLETTTO, M.; KOLLER, S.H. Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. In: DELL'AGLIO, D.D.; KOLLER, S.H. e YUNES, M.A.M. (Orgs). **Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do risco à proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

POLETTTO, M.; KOLLER, S.H. **Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção**. *Estud. psicol. (Campinas)*, Set 2008, vol.25, no.3, p.405-416. ISSN 0103-166X. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-166x2008000300009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-166x2008000300009&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20/08/2018.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, E.C.S. ; HELENO, M.G.V. Qualidade de Vida e Bem-estar Subjetivo de Estudantes Universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 4, n. 1, pp. 69-76, jan. - jun. 2012. Disponível em <<https://www.unifesp.br/reitoria/prae/publicacoes/publi/producao-cientifica-assistencia-estudantil/artigos>>. Acesso em 22/09/2017.

SILVA, R. R. **O perfil de estudantes universitários: um estudo sob o enfoque da Psicologia da Saúde**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2010.

TOMBOLATO, M.C.R. **Qualidade de Vida e Sintomas Psicopatológicos do Estudante Universitário Trabalhador**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo, 2005. Disponível em < [http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde\\_arquivos/6/TDE-2010-10-14T084335Z-1639/Publico/Maria%20Claudia%20Roberta%20Tombolato.pdf](http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2010-10-14T084335Z-1639/Publico/Maria%20Claudia%20Roberta%20Tombolato.pdf)>. Acesso em 13/10/2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Anuário estatístico UFC 2017 – Ano base 2016**. Disponível em < [http://www.ufc.br/images/files/a\\_universidade/anuario\\_estatistico/anuario\\_estatistico\\_ufc\\_2017\\_base\\_2016.pdf](http://www.ufc.br/images/files/a_universidade/anuario_estatistico/anuario_estatistico_ufc_2017_base_2016.pdf)>. Acesso em 22/05/2018.

WINDLE, G.; BENNETT, K.M. ; NOYES, J. **A Methodological Review of Resilience Measurement Scales**. Health and Quality of Life Outcomes, 9, 8. 2011. Disponível em: < <https://hqlo.biomedcentral.com/articles/10.1186/1477-7525-9-8>>. Acesso em 08/02/2018.

YUNES, M.A.M. Psicologia positiva e resiliência. In: DELL'AGLIO, D.; KOLLER, S.H.; YUNES, M.A. (Orgs.). **Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção**. I. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

ZONTA, R. ; ROBLES, A.C.C. ; GROSSEMAN, S. Estratégias de enfrentamento do estresse desenvolvidas por estudantes de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro , v. 30, n. 3, p. 147-153, 2006.